



sexualidade, casamento e reprodução

Sérgio Odilon Nadalin*

Era uma vez um grupo de jovens alemãs e luteranas, das suas filhas e das filhas de suas filhas. Trazidas pelos seus pais ou maridos, vieram habitar Curitiba, uma pequena cidade de origem colonial que recentemente tinha sido alçada à condição de capital da nova Província do Paraná (1853). Primeiramente, instalaram-se na periferia, em chácaras; depois, de modo gradativo, e principalmente na geração seguinte, adotaram um gênero de vida mais urbano. A convivência na comunidade étnica e religiosa, suas características culturais e endogâmicas, levaram naturalmente estas jovens mulheres a uma escolha de companheiro num círculo muito restrito. É bastante provável que poucas permaneceram solteiras. Tiveram muitos filhos, a princípio; diminuíram sua prole, à medida que se sucediam as gerações: estas mulheres e seus maridos aprenderam a planejar o tamanho de sua família limitando o número de crianças desejadas. Filhos nascidos do amor praticado dentro do casamento. . . porém nem todos. Algumas mulheres, não muitas, conviveram durante algum tempo com seus companheiros antes do casamento; dessas uniões, crianças nasceram, algumas antes mesmo de os casais legitimarem sua situação, e outras num intervalo, após as núpcias, muito comprometedor. Comportamento certamente livre aos nossos olhos, estas jovens estavam abrigadas pelas promessas do casamento, e talvez por olhos complacentes da comunidade. Entretanto, não se sabe quantas raparigas, talvez outras tantas, talvez nem tanto, não foram flagradas nesta história porque, não se casando, não deixaram testemunho. Algumas poucas, em número talvez insignificante, não souberam prender seus homens, levando sozinhas os seus filhos para o Batismo. Avós, filhas e netas, cujas histórias diversas explicam suas diferentes atitudes perante os filhos, perante o sexo, perante a virgindade, perante o amor. Elas serão aqui objeto de nossas reflexões . . .

RESUMO – Tendo como ponto de partida a observação de famílias luteranas de origem alemã reconstituídas pelo método Fleury-Henry, foram evidenciadas freqüências de concepções pré-nupciais e de nascimentos ocorridos antes do casamento. As análises realizadas consideraram a divisão do grupo em três coortes, com início de observação definido pelas datas (I) 1866-1894, (II) 1895-1919, e (III) 1920-1939. De um subgrupo para outro verificou-se uma diminuição das freqüências de nascimentos oriundos de concepções pré-nupciais. À hipótese de uma diminuição das referidas freqüências em função da queda da fecundidade de uma coorte para outra, preferiu-se salientar a explicação das mudanças dos referidos comportamentos considerando o processo de inserção do grupo na cidade que se urbaniza, o que envolve fenômenos de contatos culturais. Com isso, não se nega que parte das mudanças comportamentais também poderiam ser explicadas, pelo menos parcialmente, pela crescente adoção da anticoncepção.

* Professor-adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná

A observação de um grupo de imigrantes alemães e seus descendentes congregados numa comunidade evangélica luterana, a partir da década de 1860 até o final dos anos 30 deste século, permitiu algumas conclusões relativas à família conjugal de origem germânica e teuto-brasileira, fornecendo elementos de explicação para uma história de contatos culturais. Estas conclusões nos levaram a enfatizar uma história demográfica da aculturação, construída a partir de uma problemática fundada nas relações entre uma sociedade europeia **emissora** - modificada naturalmente pela imigração - e uma sociedade curitibana, **receptora**, em plena mutação (Bideau & Nadalin, s.d.) (1).

Tendo como ponto de partida as famílias reconstituídas pelo método Fleury-Henry (Fleury & Henry, 1976) o grupo foi visualizado em três **coortes**, ou seja, considerando-se a divisão do agrupamento em três subgrupos de famílias casadas perante a comunidade evangélica entre 1866-1894 (coorte I), 1895-1919 (coorte II) e 1920-1939 (coorte III), cujas histórias voltarão a constituir objeto da nossa atenção nesta comunicação.

Os resultados obtidos até o momento na análise dos referidos subgrupos têm mostrado comportamentos divergentes. A primeira coorte era constituída principalmente por estrangeiros; a segunda e a terceira, por filhos de imigrantes (2). Coortes diferenciadas, também, à medida que o início da história de cada uma coincide aproximadamente com períodos de características bem marcadas na evolução da comunidade dos luteranos, em Curitiba. Finalmente, os estudos realizados até o momento têm mostrado mudanças coerentes com as transformações da sociedade paranaense, e que evidenciam, do ponto de vista demográfico, rupturas de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna.

AS FAMÍLIAS LUTERANAS: COMPORTAMENTOS MARGINAIS?

Definidos os três subgrupos cujas histórias pretendemos conhecer, na perspectiva da demografia retrospectiva, era necessário determinar não só o **início da observação** das famílias (no caso, a data do casamento), mas também um **fim de observação**. Ora, a população objeto desta pesquisa não é "fechada", do ponto de vista demográfico, isto é, ao longo de sua história é constante a mobilidade de famílias que constituem o grupo. Sendo assim, nem sempre foi possível finalizar observações de famílias, o que explica os números relativamente reduzidos que esta pesquisa apresenta, e que traduzem uma amostra do universo estudado (28,8% de casais para o subgrupo I, 31,8% para o subgrupo II e 27,2% para o subgrupo III).

Nos três períodos, os efetivos que foram considerados são os seguintes: para o subgrupo I (1866-1894), foi observada a história da fecundidade de 182 mulheres, que puseram no mundo 1181 crianças; igualmente, para as coortes II e III, as amostras ficaram definidas pela observação de 252 e 239 mulheres, respectivamente, e que tiveram 1118 e 506 crianças. Para se ter uma idéia mais objetiva da fecundidade dos subgrupos mencionados, é possível traduzi-la pelas **descendências completas** que, independentemente das idades com que as mulheres se casavam, são as seguintes: subgrupo I, 6,8 filhos nascidos, em média; subgrupo II, 4,6 filhos e



III, 2,6 filhos (3) (ver gráficos em Anexo).

Entretanto, foi a análise de um outro conjunto de dados concernentes à fecundidade, os intervalos ditos **protogenésicos** (entre o casamento e o primeiro nascimento do casal) e inclusive a constatação de intervalos "negativos", isto é, de filhos nascidos **antes** do casamento, que me levou às reflexões – ainda muito preliminares – que constituem o assunto principal desta comunicação.

Para o cálculo do intervalo médio entre o matrimônio e o nascimento do primeiro filho, leva-se em conta somente aquelas crianças cuja concepção verificou-se de maneira "legítima", isto é, **após** o casamento. Portanto, crianças nascidas em famílias "normais". Isto leva à utilização de intervalos a partir de nove meses. Mas, como também é preciso dar conta dos nascimentos prematuros (sem dúvida mais abundantes no passado), ficou convencionado (Henry, 1972:145) recuar este limite para os oito meses, considerando-se os intervalos sete/oito meses como o período onde ocorrem nascimentos tanto prematuros como de crianças concebidas antes do casamento.

No âmbito deste trabalho, pretendo destacar justamente os nascimentos ocorridos no intervalo de zero a sete meses, tidos como resultantes – também convencionalmente – de relações sexuais praticadas antes do casamento. Da mesma forma, será destacada a totalidade deste tipo de nascimento, incluídas aquelas crianças nascidas antes do matrimônio.

Para tentar completar o quadro da ilegitimidade, levantaram-se os nascimentos cujos registros de batismo indicam implícita ou explicitamente "pai desconhecido", nascimentos estes definidos *stricto sensu* como ilegítimos. Assim, o grupo foi primeiramente visualizado numa perspectiva diacrônica, examinando-se a totalidade dos nascimentos por décadas. A Tabela 1, a seguir, apresenta estes resultados.

O segundo recorte segue a perspectiva das coortes já definidas (I, II e III), tendo sido construída a Tabela 2, que sintetiza os dados obtidos.

Desta maneira, de 1866 até 1939, as "proporções decenais de ilegitimidade" (vamos denominá-las assim provisoriamente) passaram de 7,8% do total de nascimentos levantados para 2,9% nos anos 1910-1919, percentagens estas que começam a se elevar novamente nas duas décadas seguintes (Tabela 1). No que diz respeito ao conjunto menor de famílias em observação (Tabela 2), calcularam-se as seguintes frequências de concepções pré-nupciais, das famílias mais antigas para as famílias mais recentes: 23,3%, 12,5% e 8,6%, independentemente da idade da mulher ao casar. Levando-se em conta também as mulheres que já tinham dado à luz pelo menos uma vez antes do casamento, estas percentagens aumentam de forma significativa, principalmente ao examinarmos as relações de uma coorte para outra: 27,1%, 17,6% e 13,8%. Em outros termos, detendo-se no segundo grupo de percentagens, e ao considerarmos a amostra em observação (totalidade das fichas MF) (4), para quatro mulheres que foram unidas pelo matrimônio na comunidade no período 1866-1894, pelo menos uma não era mais virgem: nas coortes seguintes, estas proporções diminuem, ou seja, uma em cada seis no período 1895-1919 e uma em cada sete noivas nos casamentos realizados entre 1920 e 1939.

TABELA 1
 Proporções de "Ilegitimidade" - Nascimentos Oriundos de Concepções Pré-nupciais (Fichas MF-MO), de União Consensuais (Fichas MF-MO),
 e Nascimentos Ilegítimos
 Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
 1866-1939

Década	Conceps. Pré-nupciais(*)			União Consensuais (**)			Nasc. Ilegítimos			Ilegitimidade (s.l.)			Conjunto de Nascims.		
	N.A.	%	log	N.A.	%	log	N.A.	%	log	N.A.	%	log	N.A.	%	log
antes 1880 (***)	24	3,68	1.38021	21	3,22	1.32222	6	0,92	0.778151	51	7,81	1.70757	683	100	2.81491
1880-1889	40	4,09	1.60206	28	2,86	1.44716	7	0,72	0.845098	75	7,66	1.87506	979	100	2.99078
1890-1899	20	1,52	1.30103	18	1,36	1.25527	8	0,61	0.90309	46	3,48	1.66276	1320	100	3.12057
1900-1909	20	1,91	1.30103	14	1,33	1.14613	12	1,14	1.07918	46	4,39	1.66276	1049	100	3.02077
1910-1919	16	1,12	1.20412	11	0,77	1.04139	14	0,98	1.14313	41	2,87	1.61278	1430	100	3.15533
1920-1929	30	2,07	1.47712	11	0,76	1.04139	14	0,96	1.14313	55	3,79	1.74036	1452	100	3.16197
1930-1939	26	2,06	1.41997	18	1,43	1.25527	4	0,32	0.60206	48	3,80	1.68124	1263	100	3.1014
TOTAL	176	2,16		121	1,49		65	0,80		362	4,44		8146	100	

(*) Foram contabilizados vários nascimentos "recontrados". Como hipoteticamente os mesmos constituem parte dos "nascimentos perdidos", é provável que estes dados estejam subestimados.

(**) Números provavelmente subestimados. Foram detectadas algumas (poucas) famílias "EF" que, no andamento da pesquisa, comprovou-se que os cônjuges nunca se casaram, o que significa que podem existir outros casos embutidos no conjunto de fichas "EF".

(***) Não foram arrolados os poucos nascimentos reencontrados relativos aos anos anteriores a 1866, pois há uma grande possibilidade de que nasceram fora da paróquia.



TABELA 2

Nascimentos Arrolados a Partir dos Registros de Batismo; Intervalos Protogenésicos "Normais", Intervalos Oriundos de Concepções Pré-nupciais e "Negativos", Independentemente da Idade no Casamento, Incluídos os Nascimentos Reencontrados

Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba

Casamentos	Intervalos "Normais"		Concepções Pré-nupciais		Intervalos "Negativos"		Total	
	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
1866-1894 .	158	70,2	48	21,3	19 (13)	8,5	225 (219)	100
1895-1919 .	223	82,0	32	11,8	17 (16)	6,2	272 (271)	100
1920-1939 .	192	85,3	18	8,0	15 (13)	6,7	225 (223)	100
TOTAL . .	573	79,4	98	13,6	51	7,1	722	100

Dados em itálico: excluídos os nascimentos reencontrados.

NOTAS: Concepções Pré-nupciais (incluídos os Intervalos Negativos):

1866-1894 = 29,8% 27,1%

1895-1919 = 18,0% 17,6%

1920-1939 = 14,7% 13,8%

A HISTÓRIA DOS CONTATOS CULTURAIS

Estamos tratando de um grupo social, constituído numa paróquia protestante, etno-culturalmente definida, e cujas marcas resultam do seu passado imigrante (Nadalim, 1981). As famílias fundadoras da comunidade, nascidas majoritariamente na Europa germânica, constituíam originalmente parte do núcleo populacional que originou a Colônia Dona Francisca (atual Joinville, Santa Catarina). Ainda na década de 1850, iniciaram um processo de **remigração**, em direção ao planalto curitibano, localizando-se na periferia próxima da capital da Província do Paraná, e dedicando-se ao que sabiam fazer. De origem rural, suas chácaras produziam hortaliças, leite e criavam pequenos animais. Logo passando a comercializar os excedentes junto à população urbana.

A capital provincial desenvolvia-se, e, de uma pequena vila descrita por Saint-Hilaire como pequena e vazia e que só se movimentava aos domingos e dias de festa, adquiria gradativamente características de uma cidade que se libertava de sua condição de extensão do mundo rural. Impulsionada pela mola da economia regional do mate, pelo fato de se estabelecer como centro administrativo e pelo crescimento demográfico, a cidade constituir-se-ia palco das contradições resultantes da decadência da sociedade campeira, do desenvolvimento de uma economia urbana e da penetração dos imigrantes europeus. Estas transformações tornam-se evidentes no último quarto do século passado.

A história dos migrantes alemães e seus descendentes em Curitiba precisa ser compreendida neste processo. De um lado não há dúvida de que a inserção do grupo numa sociedade estranha levava naturalmente seus membros a fortalecerem os laços que os uniam, alicerçados por uma espécie de coesão institucional propiciada pela Igreja Luterana, pelo culto à língua-mãe e pela manutenção dos laços com a antiga pátria (*Deutschum*); de outro lado, é preciso levar em conta os choques culturais com a sociedade receptora, o que tornava extremamente dolorosos e, às vezes, traumáticos, os contatos entre as respectivas populações. A dinâmica do processo resultaria, portanto, e em níveis diversos, do jogo de forças "centrífugas", tendendo à integração ou assimilação do grupo migrante, e de forças "centrípetas", tendendo por sua vez ao reforço comunitário do grupo. Em outros termos, neste processo contraditório mediam-se forças desagregadoras oriundas da sociedade estamental (que poderiam inclusive levar a - e desenvolver - conflitos internos na associação), em choque com as ações articuladoras da comunidade, ideologizando o passado e o futuro, e levando à coesão da população. Até o momento, as evidências que possuo permitem-me avançar que, pelo menos até os acontecimentos ligados à Segunda Guerra Mundial, o jogo estava feito, e vitoriosa a relativa união do grupo, principalmente em virtude dos fatos relacionados à conjuntura. É sintomática, por exemplo, a endogamia matrimonial caracterizada na comunidade até pelo menos o início da década de 1940, mesmo que se relativize esta constatação (Nadalin, 1978: 171-8).

Em consequência, parece-nos que é nesse quadro que deverá ser compreendido o estudo dos comportamentos demográficos da população em evidência. Assim, verifica-se uma correspondência direta entre as taxas de fecundidade obtidas para a coorte I, sua origem preponderantemente migrante e camponesa e a situação de evidente marginalidade da população referida que está em contato com a sociedade curitibana, as duas coortes seguintes (II e III), cuja maioria dos componentes se conta entre os filhos de migrantes, e constituída por famílias que já haviam se deslocado das chácaras para o núcleo urbano caracterizam-se pela diminuição da fecundidade, resultante da utilização de métodos contraceptivos (ver gráficos em Anexo). Desta maneira, passa-se aparentemente de um modelo demográfico camponês pré-malthusiano para um modelo urbano e "burguês", malthusiano.

Assim sendo, a questão que se segue, relacionada às constatações iniciais desta comunicação, coloca-se naturalmente. Ou seja, até que ponto o modelo esboçado se completa, tendo em vista o comportamento das famílias observadas no que se refere à ilegitimidade? E, principalmente, uma vez que o elo é evidente, haveria uma relação entre a diminuição da fecundidade do grupo e as diferenças evidenciadas de comportamentos relacionados à sexualidade do grupo?

CAMPESINATO E SEXUALIDADE

Parce-me que a simples e pura lógica aplicada à análise dos números postos à luz anteriormente (Tabelas 1 e 2) permite estabelecer uma hipótese inicial de que a diminuição das concepções pré-nupciais e dos filhos nascidos antes do casamento constitui fenômeno relacionado a contraceção. Desse modo, se a frequência das concepções "ilegítimas" diminuiu, não



seria porque os casais tornaram-se mais castos antes do casamento, mas porque se amavam ao abrigo de algumas precauções.

A questão fica evidentemente mais complicada quando tentamos inserir esta explicação no quadro da história da comunidade, história de aculturações. Dito de outra maneira, é necessário discutir esta hipótese de base em função da dinâmica da inserção do grupo evangélico luterano na sociedade curitibana. Assim, se a primeira coorte apresenta maior número de concepções pré-maritais, parece-me que tal fato deve estar relacionado às origens destas famílias, sua situação relativamente marginal e à *perpetuação de traços culturais germânicos e camponeses: entre estes imigrantes*.

Sendo assim, deverá ser buscado no meio social que serviu de cenário para a emigração germânica os fatores explicativos para comportamentos tão originais. As primeiras referências que nos ocorrem, relacionadas aos estudos das famílias tipo *antigo regime*, são os trabalhos clássicos de Flandrin e de Lebrun (por exemplo, Flandrin, 1976 e Lebrun, 1983). No entanto, a observação destes autores está centrada na França e isto me embaraça um pouco, principalmente face à "revolução sexual" aventada por Shorter (1977: 98-152) a partir da segunda metade do século XVIII na Europa Ocidental, e que deveria afetar da mesma forma a população alemã. Este autor também procurou realizar algumas sistematizações, de forma que a consulta ao seu trabalho tornou-se fundamental para esclarecer a minha questão (5). Igualmente devo referir-me a uma investigação mais antiga, realizada e publicada por Willems (1940: 208-28 e 1980: 301-35): suas observações reportam-se a comportamentos sexuais característicos do campesinato principalmente germânico, numa tentativa de explicar certas atitudes presentes entre os teuto-brasileiros no sul do Brasil.

Flandrin, Lebrun, Shorter, além de outros, geralmente interserem estes problemas na discussão do modelo do *new pattern*, sendo a nupcialidade, a fecundidade e a sexualidade nas sociedades tradicionais do Ocidente parte de um sistema caracterizado pelo casamento tardio, pela austeridade sexual pré-nupcial (aliás muito discutida), por um celibato definitivo importante e pela fragilidade das uniões em função da elevada mortalidade. Esse sistema de uma certa forma constituiu uma resposta original às pressões da população. Não é, de modo nenhum, minha intenção entrar nesta discussão. Não obstante, para as questões que são colocadas neste trabalho, é importante examinar a aventada austeridade sexual do modelo.

Parece-me que qualquer população precisa dar conta, controlar ou sublimar o impulso sexual dos seus jovens celibatários se, como Flandrin, considerarmos a sexualidade uma constante universal. São conhecidas as frequências de nascimentos realmente ilegítimos nessas sociedades: eram irrisórias. De modo geral, na Europa setentrional especialmente, a prostituição era condenada (é sabido, por exemplo, que a Igreja Luterana não tolerava o exercício aberto da prostituição nas pequenas cidades alemãs – quero crer, portanto, que este costume, velado ou não, era, na prática, impensável nos pequenos *dorf* mais distantes dos centros urbanos). Assim, é possível acreditar que grande parte das pulsões sexuais fossem canalizadas para jogos eróticos promovidos entre rapazes e moças e que, se de um lado constituíam "válvulas de escape" para as referidas tensões, de outro impediavam relações mais íntimas e perigosas entre o homem e a mulher solteiros.

As sociedades camponesas – penso principalmente nas antigas e relativamente endogâmicas comunidades aldeãs – sabiam controlar também as relações entre rapazes e moças, sob o manto de instituições costumeiras, e que variavam bastante, segundo as regiões consideradas. Algumas instituições, generalizadas por Shorter como “cortes noturnas”, tinham designações locais: Willems arrolou quatorze variações terminológicas e dialetais, anotando que em muitas regiões o costume também existia, sem denominações especiais. Além dos termos regionais, existe ainda os substantivos *Probenacht* (noite de prova), *Kommnacht* (noite da vinda), *Kiltgang* (visita noturna a uma moça), *Gasselgang* (Willems, 1980:304), relacionados a costumes que regulavam as visitas realizadas pelos varões aos quartos de dormir das moças da aldeia.

Tendo em vista o que escreve Willems, acredito que seja, em princípio, possível generalizar as observações feitas por Shorter (1977:129-130), principalmente em relação à Finlândia e à Escandinávia. Assim, teoricamente, em cada sábado da época apropriada um rapaz diferente via uma garota diferente, até que os candidatos ao casamento na comunidade se conhecessem. Tais visitas eram controladas por normas estritas, com penalidades severas aos infratores. Uma vez que um rapaz e uma moça se detivessem na sua procura, e havendo um entendimento, tudo era permitido. Por conseguinte, o comprometimento, selado com o noivado, definia o início da vida sexual do casal, antes do casamento. Porém, tratavam-se de pessoas que já se haviam prometido um ao outro, que estavam absolutamente certos de que iriam se casar.

Entretanto, na prática, e à medida que, a cada visita, a intimidade entre os jovens tornava-se naturalmente maior (Shorter descreve como tais “avanços” também podiam ser controlados pela comunidade), parece-me difícil acreditar que liberdades sexuais em diversos graus não eram tomadas.

Com o advento da urbanização, aparecendo na aldeia estrangeiros ao sistema, o mesmo se desagregou, pois a comunidade aldeã perdia o controle sobre as normas e penalidades que regiam a instituição.

Para melhor compreender esses costumes camponeses, é necessário anotar que suas instituições reguladoras inscrevem-se numa sociedade onde o casamento dirigia a vida social e econômica da população, havendo pouco lugar para as considerações sentimentais na formação do casal; pelo menos, da forma como nós as conhecemos. Conseqüentemente, as famílias às quais pertenciam os jovens não tomavam parte no processo somente para atender o costume, mas evidentemente se misturam facilitando as coisas aqui, dificultando ali, na medida dos seus interesses e apesar das regras institucionais. Da união estável (que pressupunha evidentemente o controle da comunidade) poderia nascer o “amor”, mas não era isto o mais importante . . .

Desta maneira, entende-se a instituição das *Probenächte*, enfatizada por Willems. Embora este autor mencione que um dos objetivos do costume era regular as relações sexuais entre os solteiros da aldeia (esta é, de uma certa forma, a ênfase dada por Shorter ao descrever as “cortes noturnas”), salienta a função relacionada à verificação principalmente da fertilidade da mulher. Assim, as noites de prova deveriam continuar “até que ambas as partes se convenceram da recíproca aptidão física para o matrimônio ou a moça se tornou grávida. Só depois o camponês a pede em casamento, e o noivado e casamento seguem rapidamente. Entre os camponeses com seus costumes muito simples, é raro um rapaz abandonar uma moça grávida.



Ele tornar-se-ia infalivelmente alvo do desprezo e ódio de toda a aldeia. *Mas é muito comum ambos desistirem das suas relações depois da primeira ou segunda noite de prova. A moça não corre o risco de adquirir má reputação, pois dentro em breve aparece outro rapaz disposto a reencear o romance. (...) O valor atribuído à virgindade é restrito e, como se trata de uma instituição social, a reputação das moças e dos rapazes não sofre com a prática do costume em si, mas sim com a repetição infrutífera das noites de prova com indivíduos diversos*. (Willems, 1980:305)

É, citando outro autor, e grifando: "... a moça grávida é atribuído mais valor do que àquela que tem de provar ainda a sua fertilidade" (6).

Parece-me difícil fazer uma distinção objetiva das duas funções da *Probenächte*: ambas regulavam a união consensual a partir do "noivado", mas estavam relacionadas em princípio ao investimento maior do camponês, no qual fundamentava a sua própria sobrevivência e a do grupo social: a aptidão do casal para o casamento, para gerarem filhos.

Esta exposição não pretende alimentar uma diferenciação de um modelo de comportamento sexual camponês de um modelo urbano. A questão não é assim tão simples. Shorter (1977:103), assinala, por exemplo, que, apesar das dificuldades na obtenção de indicações sólidas sobre o nível real da sexualidade pré-conjugal antes da Primeira Guerra Mundial na Europa, não havia mecanismos sociais ou econômicos que poderiam restringir a propensão das mulheres solteiras em fazer amor, a não ser uma literatura moralista que preconizava pureza sexual e lida por uma pequena elite ocupando o cimo da escala social; este gênero de doutrina não fazia nenhuma diferença para milhões de mulheres anônimas das classes populares.

A minha ênfase no campesinato deve-se à natureza institucional dos costumes rurais e à força resultante no processo de transmigração cultural que acompanha a migração. Pois, como já foi mencionado, os primeiros imigrantes alemães eram principalmente de origem rural, não só porque a grande revolução urbana que acompanhou a Revolução Industrial ainda não havia atingido as regiões europeias habitadas por populações de língua alemã, mas também pelos comportamentos demográficos pré-malthusianos já constatados. Na continuidade do fluxo imigratório germânico, estas características do migrante iriam modificar-se.

SEXUALIDADE E CONTATOS CULTURAIS

Os imigrantes alemães constituídos numa comunidade religiosa, cujos indicadores relativos à sexualidade e à reprodução foram rapidamente descritos em páginas anteriores, colocaram-se em contato com uma população cujos comportamentos a esse respeito assumiam características bem diferentes.

Ao contrário dos imigrantes, a ilegitimidade entre os luso-brasileiros evidenciava-se,

no século XVIII e boa parte do XIX, por uma proporção muito alta de batizados cujas atas declaravam formalmente a condição ilegítima da criança, de pai desconhecido, ou sua situação, também marginal, como **exposta** (ver Tabela 3).

Não é meu objetivo analisar as atitudes que se escondem por trás das cifras dessa tabela, mas gostaria de chamar a atenção do leitor para o crescimento das frequências ao longo do século XVIII, mostrado na tabela (considerando-se ou não os expostos em conjunto com os nascimentos ilegítimos *stricto sensu*). Da mesma forma, saliento a relativa estabilidade das altas percentagens de ilegitimidade que ocorrem durante a maior parte do século XIX. No que se refere ao outro tipo de amor ilegítimo traduzido pelas concepções pré-nupciais, para Curitiba foram calculadas frequências que se situam em torno de 4,7% para a segunda metade do século XVIII (Burmester, 1981: 241). Este índice reflete obviamente uma relação muito pequena de nascimentos oriundos deste tipo de comportamento, em relação à totalidade das crianças nascidas na região neste período. Entretanto, não são dados que permitam generalizações, uma vez que é possível a existência de atitudes demográficas diferenciadas considerando-se o momento e o lugar (7).

O que para mim parece claro é que a "ilegitimidade" praticada pelos alemães e descendentes circunscreve-se, de um certo modo, no quadro da **família**, uma vez que, para os casos observados sempre se seguia o casamento à gravidez ou ao nascimento irregular. Ao contrário, principalmente ao levarmos em conta também os batismos de expostos, a "ilegitimidade" entre a sociedade curitibana definia-se pela anormalidade da cena familiar. Este panorama parece tender a se modificar no decorrer do século XIX, pelo exame da frequência relativa dos expostos, cuja presença afigura-se diminuir e desaparecendo mesmo a partir da segunda metade do século. Em outras palavras, para uns, comportamentos que, no limite, tudo permitia... entre jovens mutuamente prometidos; para outros, comportamentos onde tudo era permitido... aos homens, exteriormente às promessas de casamento. Dois tipos de atitudes relacionadas à moral sexual e que não refletem, a meu ver, duas faces de uma mesma moeda. É possível portanto imaginar os conflitos resultantes de duas culturas cujos traços morais definiam-se tão antagonicamente.

As afirmações feitas em outra parte deste trabalho e algumas hipóteses esboçadas comprovam-se pelas flutuações representadas no Gráfico 1, construído a partir dos dados da Tabela 1.

Este gráfico constitui um "inventário de curvas" que pode ser completado à medida que avança a investigação, e que foi construído a partir de uma escala logarítmica no eixo das ordenadas. Portanto, passível de manipulações, pois interessa principalmente comparar os desenhos dos traços.

Considero que não é necessário descrever os diversos movimentos traduzidos pelas quatro curvas desse gráfico. Deste modo, passo diretamente à análise, tentando compreender, numa primeira aproximação, a história da sexualidade do grupo. Assim, o conjunto permite constatar, antes de tudo, três períodos que até certo ponto são coerentes com a periodização já aventada.



TABELA 3
Frequência de Batismos de Crianças Ilegítimas e Expostas (População Livre)
Paróquia N. S. da Luz - Curitiba
1751-1880

Décadas	Total	Batismos Crianças Ilegítimas		Batismos Crianças Expostas		Crianças Ilegítimas/Expostas	
		N.A.	%	N.A.	%	N.A.	%
1751-1760	1297	129	10,0	44	3,4	173	13,4
1761-1770	1158	119	10,3	71	6,1	190	16,4
1771-1780	1222	139	11,9	112	9,2	251	21,1
1781-1790	1849	294	15,9	184	10,0	478	25,9
1791-1800	2388	399	16,7	319	13,4	718	30,1
1801-1810	2869	499	17,4	296	10,3	795	27,7
1811-1820	2649	566	21,4	234	8,8	800	30,2
1821-1830	3784	785	20,7	207	5,5	992	26,2
1831-1840	3880	992	25,6	111	2,9	1103	28,5
1841-1850	4367	1051	24,1	62	1,4	1113	25,5
1851-1860	5996	1352	22,6	(*)	(*)	1352	22,6
1861-1870	6067	1462	24,1	(*)	(*)	1462	24,1
1871-1880	5489	1133	20,7	(*)	(*)	1133	20,7
TOTAL	43015	8920	20,7	1645	3,8	10565	24,5

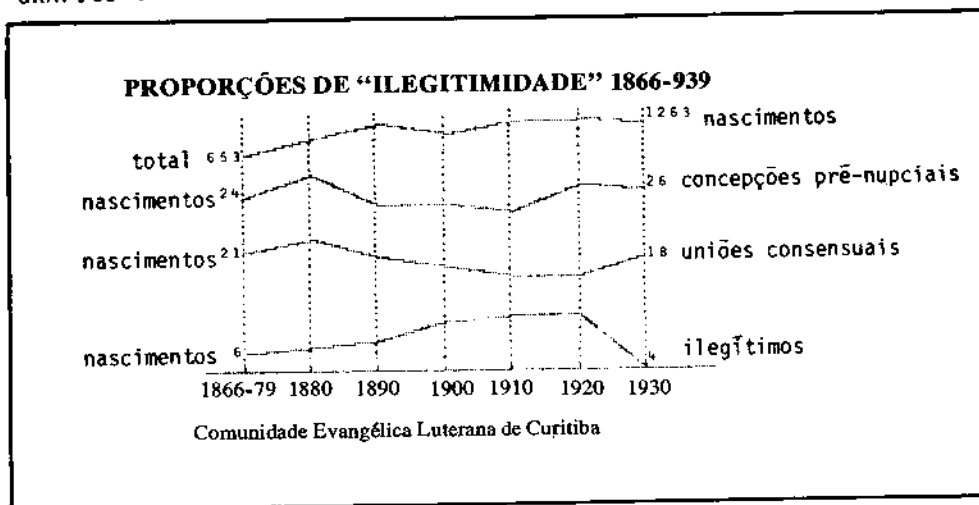
(*) Registraram-se apenas 5 casos de crianças expostas, durante todo o período 1851-1880.

FONTE: BURMESTER, A.M. - 1974. *A População de Curitiba no século XVIII: 1751-1800*, segundo os registros paroquiais. Curitiba, p. 78-9. (Tese apresentada à UFPr, para obtenção do título de Mestre).

KUBO, E.M. - 1974. *Aspectos demográficos de Curitiba: 1801-1850*. Curitiba, p. 74-5. (Tese apresentada à UFPr, para obtenção do título de Mestre).

MIRANDA, B.T. de M. - 1978. *Aspectos demográficos de uma cidade paranaense do século XIX: Curitiba, 1851-1880*. Curitiba, p. 142-3. (Tese apresentada à UFPr, para obtenção do título de Mestre).

GRÁFICO 1



Primeiro período, de 1866 a 1889, cuja característica fundamental é uma relativamente alta proporção de nascimentos concebidos antes do casamento (6,9% e 7%). Esta fase corresponde à conjuntura de instalação do grupo na sociedade curitibana. Face à sociedade receptora, o grupo imigrante situa-se numa posição relativamente marginal, o que explica a manutenção de comportamentos "camponeses" no que diz respeito à sexualidade e ao casamento.

Segundo período, de 1890 a 1919, assinalado por uma queda da proporção de filhos concebidos antes das núpcias (2,9%; 3,3% e 1,9%). Estas mudanças explicam-se pela marcha do processo de aculturação dos membros da comunidade, facilitada pelo fato de que mais de 50% dos casais considerados já eram nascidos no Brasil. Em outros termos, é possível supor que a continuidade dos contatos, agora numa segunda geração, determinaram uma mutação nos hábitos tradicionais "importados" pelos imigrantes.

Tal mutação explica-se sem dúvida pelo contato do grupo com uma população maior e envolvente, que se distinguiu por padrões morais distintos dos da moral camponesa germânica. Todavia, é preciso levar em conta, para a compreensão desse processo, a articulação dos contatos culturais com o próprio processo de urbanização.

Entre outras questões, parece-me evidente que os problemas relativos à sexualidade dos jovens celibatários, homens naturalmente, poderiam ser resolvidos mais facilmente a partir da complacência da cidade. Quanto às moças, suponho que suas alternativas frente a uma moral urbana, "machista" e tradicionalmente luso-brasileira só poderiam dirigir-se no sentido de uma valorização da virgindade feminina.



A explicação de uma mutação sustenta-se ainda mais ao compararmos a curva relativa aos nascimentos oriundos de concepções pré-nupciais com a curva que traduz a ocorrência de nascimentos havidos **antes** do casamento. Com efeito, este último traço assinala uma diminuição bem mais acentuada, diria mesmo, franca e decidida, de um comportamento que, no caso das concepções pré-nupciais, poderia ser acobertado por um rápido casamento.

Terceiro período, de 1920 a 1939, quando aparentemente um comportamento mais "liberal" é assumido pelas moças e rapazes da comunidade (2,3% e 3,5%). Comportamento novo, pois estamos tratando de um outro momento, que não deve nem pode ser identificado ao período inicial da história do grupo.

Nesta fase, a retomada da "ilegitimidade" começa com as concepções pré-nupciais e, dez anos depois, é seguida pelo aumento da frequência das uniões consensuais anteriores ao casamento. Novamente é aventada uma explicação semelhante relativa a um comportamento diferenciado verificado no segundo período: nesse caso, a liberação dos costumes iniciar-se-ia de modo mais tímido (aumento da frequência de concepções pré-nupciais nos anos de 1910), seguida por uma atitude mais explícita entre os jovens do grupo, com o aumento da frequência de uniões consensuais antes do casamento (8).

Nascimentos ilegítimos e concepções pré-nupciais: estes são dois tipos de dados que têm fornecido, para o passado, os indicadores mais seguros da frequência das relações sexuais fora do casamento. Entretanto, os primeiros devem ser abordados com maior prudência, uma vez que os índices respectivos só podem ser calculados com certeza para as paróquias verdadeiramente rurais; ao chegar à zona de atração de uma cidade, tudo se complica (Guillaume & Poussou, 1970:173). Será que a realidade que aqui está sendo analisada é diferente? De modo aparente, a ilegitimidade caracterizada pela ausência do nome do pai nos registros de batismos entre os luteranos de Curitiba não tem significado maior, pois fica em torno de 1% do total de nascimentos arrolados. No último período, inclusive, verifica-se uma contradição no que diz respeito às concepções pré-nupciais e uniões consensuais, e que é devidamente qualificada no Gráfico 1: é no momento em que se retoma uma certa "ilegitimidade", nos quadros da família, que se contrai a curva da ilegitimidade realizada fora da família, tendência esta confirmada nas décadas seguintes (1940-1949/ 0,3% e 1950-1959/ 0,4%) (Nadalin, 1978:382-3). Ocorre, porém, que não consegui identificar nenhuma das mães solteiras entre as famílias da comunidade. Na melhor das hipóteses, o fato resulta de um problema de identificação, o que valida as cifras que temos. Na pior das hipóteses, essas mulheres, todas teuto-brasileiras pelo sobrenome registrado, não eram da comunidade. Se esta hipótese for verdadeira, pelo menos para a maioria dos registros arrolados, isto pode significar que mães solteiras oriundas do grupo, cuja proporção é impossível aventar, tiveram atitude inversa, batizando os seus filhos fora da comunidade.

Tendo em vista as considerações realizadas principalmente neste item do trabalho, como fica a hipótese formulada no início, relacionada à probabilidade de se creditar à contracepção a diminuição das concepções pré-nupciais?

Antes de mais nada, é óbvio que nem todas as mulheres que faziam amor antes do

casamento colocavam filhos no mundo. Algumas talvez não fossem fecundas; poder-se-ia mesmo imaginar que algumas – ou muitas – abortassem. É possível aventar também que outras formas de contracepção fossem praticadas, mesmo com limites, e essa possibilidade foi detectada na análise da fecundidade legítima do grupo (Bideau & Nadalin, 1988: 22). Assim, o conjunto de gráficos anexados a este trabalho mostra que a fecundidade das mulheres que conceberam antes do casamento é um pouco maior do que a das mulheres cujo intervalo protogenésico é “normal (isso para o conjunto, independentemente da idade da mulher ao casar). Desta forma, torna-se fácil pressupor que a utilização de métodos contraceptivos no casamento significava sua utilização **antes** das núpcias.

Penso, todavia, numa outra possibilidade, ou seja, a de que o uso da contracepção apareça no grupo de modo mais significativo depois de um certo tempo de vida matrimonial, espalhando-se por sua vez para os casais mais jovens, e só por último, e bem mais tarde, entre os jovens solteiros (Shorter, 1977). Os dados da Tabela 4 parecem corroborar esta hipótese, à medida que, tanto para a coorte II como para a coorte III (e mesmo para a coorte I, se nos fixarmos nas mulheres que se casaram aos 25-29 anos), é representativamente menor a frequência das concepções pré-matrimoniais entre as mulheres que se casaram mais maduras. Como comenta Shorter, ainda hoje, nestes tempos esclarecidos, os jovens demonstram ingenuidade no domínio das precauções para evitar a gravidez (Shorter, 1977).

TABELA 4
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
Frequência das Concepções Pré-Nupciais em função da Idade da Mulher ao Casar – Fichas MF
1866-1939

	1866-1894	1895-1919	1920-1939
15-19	21,1%	18,4%	11,9%
20-24	26,7%	8,9%	6,5%
25-29	13,3%	0	(8,6%)*

* (Números pequenos)

Estes comentários dão conta da diferença dos comportamentos ilegítimos em função da idade da mulher ao casar; também constituem um ponto a favor da hipótese levantada: sem dúvida, a contracepção pode explicar **em parte** a diminuição das percentagens. Mas, a meu ver, a questão fundamental permanece encoberta. No interior do grupo, as coortes I, II e III constituem subgrupos bem diferenciados, verificando-se uma certa semelhança entre os dois últimos. Suas características permitem afirmar, pelo menos face às evidências que temos até o momento que, ao mesmo tempo que os seus membros assumem gradativamente comportamentos diferenciados em relação à contracepção, parecem também adotar valores dessemelhantes com referência à virgindade feminina e ao casamento, sempre tendo em vista o fator fundamental exercido pelos contatos culturais e, conseqüentemente, pela influência exercida



pelos padrões morais da sociedade curitibana. Faça a ressalva de que há muito ainda a ser realizado nesta direção de pesquisa, uma vez que pouco se sabe das estruturas mentais características da sociedade brasileira no século passado e, ainda menos, da sociedade paranaense da segunda metade do século, mormente no que concerne à sexualidade.

Entretanto, insisto na hipótese relacionada à aculturação, baseando-me ainda num último argumento: temos evidências de que ocorreu uma diminuição da ilegitimidade na Europa setentrional no decorrer do século XIX, sem dúvida efeito da contracepção. Este fenômeno é particularmente evidente na Alemanha. Mas tal fato não ocorreu com as séries relativas às concepções pré-nupciais: entre 1850 e 1930, os dados mostram percentagens elevadas e suficientemente estáveis (Shorter, 1973: 636-9). Mais ainda, pelo menos para uma paróquia cujos dados tenho em mãos (Imhof, 1975: 279-516,471) durante todo o século parece mesmo que aumenta a frequência deste tipo de ilegitimidade. Desta forma, afigura-se que a contracepção afetava muito menos as concepções pré-nupciais que os nascimentos ilegítimos. À medida que as noivas (que constituiriam a maioria das mulheres que concebem antes de casar) praticavam menos seguidamente e com menos eficácia a contracepção que as mulheres sem nenhum engajamento.

Assim, se é portanto verdade que as noivas não tomavam precauções adequadas e se faziam engravidar no mesmo ritmo que no passado, é possível concluir que o "puritanismo vitoriano" diminuiu em nada a atividade sexual pré-conjugal na Europa. Mas este não parece ser o caso de um "puritanismo luso-brasileiro", que deve ter interferido nos comportamentos dos filhos dos imigrantes alemães em Curitiba, principalmente a partir do último quarto do século passado.

A GUISA DE CONCLUSÃO

Como historiador, parece-me justa e muito clara a busca que empreendi em tentar relacionar as variáveis demográficas e o contexto social mais amplo em que a comunidade vive e se insere. Porém, a minha ambição é maior, é fazer história a partir da demografia. Neste sentido, particularizaria uma história de contatos culturais, de aculturações – existe ou não uma história demográfica das aculturações? – cujas referências constroem-se a partir da problemática das relações entre a sociedade emissora européia e receptora curitibana, incluindo-se aí a complexidade resultantes da convivência contraditória de vários grupos "imigrantes": italianos, poloneses, ucranianos e, naturalmente, alemães, para citar somente os mais importantes antes da virada do século.

Mas ainda estou no início desta investigação. Detive-me, primeiramente, em alguns indicadores demográficos retrospectivos do grupo. Neste sentido, creio que, do ponto de vista da fecundidade, ficou caracterizada a dinâmica das suas famílias mais estáveis: de início, alta fecundidade, em regime tipicamente pré-malthusiano, passando nos dois subgrupos seguintes para um regime de fecundidade mais "moderno", onde ficou inferida a utilização de métodos de controle das concepções.

Primeiramente, o fato de que a fecundidade do grupo pioneiro parece ser, *grosso modo*, bastante semelhante à da sociedade original ou emissora, de acordo com algumas evidências já arroladas (Nadalin, 1978: 310). A explicação é óbvia, em função do predomínio dos estrangeiros na formação dos primeiros casais da comunidade. Todavia, estas observações, a nível da sociedade europeia, necessitam ser ainda melhor detalhadas, considerando regiões (ou paróquias) e a religião (católicos ou protestantes).

Origem predominantemente germânica e “camponesa”; se se quiser, não-urbana. *Primo*, pelo comportamento demográfico tipicamente pré-malthusiano; segundo, pela frequência significativa das concepções pré-nupciais detectadas, o que está de acordo com algumas instituições do mundo rural da Europa setentrional. Isto confirma, aliás, a característica geral dos emigrantes alemães que partiram da Europa antes da década de 1880, oriundos de um mundo ainda não industrializado.

Apesar de o fluxo imigratório germânico nunca ter cessado no Brasil até a década de 1930, o que naturalmente marcou a história da comunidade, a determinação da origem dos três subgrupos estudados possibilitou uma distinção inicial, entre as primeiras famílias, daquelas que se constituíram mais tarde (os dois grupos subsequentes). As primeiras, verdadeiramente imigrantes: as segundas – cujos integrantes eram primordialmente filhos de imigrantes – pelo menos até 1939, teuto-brasileiros. Esta distinção só em parte poderia explicar as mudanças do comportamento demográfico ocorridas a partir da segunda geração, pois um fenómeno social muito importante aconteceu no meio em que estas mudanças se verificam: completa-se no último quartel do século XIX o quadro da decadência da economia e da sociedade tradicional paranaense, e visualiza-se o processo da urbanização em Curitiba. Estas rupturas resultaram, em parte, do desenvolvimento da indústria e comércio do mate, e também graças às novas atividades comerciais-industriais empreendidas na cidade, onde a atuação germânica (imigrantes e descendentes) foi muito importante. O cenário é conhecido, e assim poder-se-ia explicar, pelo menos em princípio, o comportamento malthusiano dos subgrupos que denominei teuto-brasileiros, bem como suas atitudes “vitorianas” a respeito do sexo.

Entretanto, as questões postas nesta comunicação mostram que as coisas não são assim tão simples. Se, de um lado, é possível estabelecer uma relação entre as mudanças demográficas e comportamentais evidenciadas e a urbanização, os cortes realizados no tempo não permitem precisar quando isto teve início. Se, por outro lado, este processo está relacionado a mudanças qualitativas na população em estudo, não deve ser esquecido que tal fato também deveria estar acontecendo na Europa germânica, evidentemente com suas peculiaridades originais. Haveria uma relação entre os dois processos? Pelo menos no que concerne aos comportamentos sexuais (a queda da natalidade é flagrante na Europa neste momento), parece que não, apesar de se manterem as ligações entre a sociedade imigrante e a sociedade emissora enquanto sustentada a corrente social que permite a aglutinação do grupo, e o define, até os eventos relativos à Segunda Guerra Mundial. Deste modo, tudo leva a crer que o processo em pauta tem ligação muito estreita com as mudanças que estavam ocorrendo em Curitiba. Explico e repito: não é a sociedade imigrante alemã e evangélica luterana que se urbaniza, mas a sociedade curitibana como um todo, onde os imigrantes tendem a se integrar.



Assim, se a frequência das concepções pré-nupciais diminuiu para a metade da primeira geração de luteranos para a segunda, continuando a diminuir na terceira, a análise realizada levou-me a concluir que uma parte importante dessas transformações deve-se a interferência cultural da sociedade luso-brasileira nos padrões morais do imigrante.

NOTAS

1. Com relação à **aculturação**, este termo designa, para mim, "todos os fenômenos de interação que resultam do contato de duas culturas. . .". Estes fenômenos, "considerados tanto em seu processo quanto em seus resultados, repartem-se em dois pólos: o primeiro pode ser designado pelo termo **integração**, o segundo por **assimilação**". O primeiro designaria um processo em que os elementos estranhos são incorporados por uma cultura "que os submete a seus próprios esquemas e categorias. (. . .) No outro pólo, o processo de assimilação realiza o fenômeno inverso": os elementos estranhos, ao serem incorporados por uma cultura, são acompanhados de uma eliminação das tradições originais. (Ver Wachtel, 1976.)

2. Fichas MF - Origens dos Cônjuges

(em percentagens)

Origem	1866-1894	1895-1919	1920-1939
Estrangeira	62,2	20,4	22,3
Brasileira	37,8	79,6	77,7
Total	100,0	100,0	100,0

FONTE: BIDEAU, A. & NADALIN, S.O. - s.d.. *Une communauté germanique à Curitiba (Brésil): démographie et société*. p. 8-9.

3. A relação NASCIMENTOS/MULHERES da última coorte não traduz realmente uma taxa bruta de fecundidade, pois não foi possível, para o referido subgrupo, acompanhar o ciclo matrimonial das mulheres observadas até o fim do período fecundo. Tal impossibilidade resultou do corte final da observação realizado em 31 de dezembro de 1939, para todas as famílias (inclusive aquelas da coorte II que haviam sobrevivido até esse momento). Com relação à DESCENDÊNCIA TEÓRICA aplicada no texto, chamo a atenção para o fato de que se tratam de dados um tanto grosseiros, obtidos simplesmente do cálculo das médias aritméticas das descendências completas obtidas em função da idade da mulher ao casar, objetivando meramente uma ordem de grandeza diferenciada entre os três subgrupos de famílias. Todavia, apesar desta última nota relativa ao corte da observação em 1939, o exame dos gráficos concernentes à última coorte autoriza-nos a inferir que os 2,6 filhos nascidos em média por casal talvez espelhem bem a realidade.

4. Foram detectadas, entre 1866 e 1939, 3493 famílias, assim classificadas em função das três coortes definidas:

Categorias de Fichas	Início de Observação / Tipos de Fichas									Total
	I 1866-1894			II 1895-1919			III 1920-1939			
	F	O	S.T.	F	O	S.T.	F	O	S.T.	
M	274	199	473	332	159	491	407	383	796	1.754
E	166	314	480	234	319	553	221	485	706	1.739
Total	440	513	953	566	478	1.044	628	868	1.496	3.493

- As fichas de família "MI" são aquelas cuja observação é iniciada pelo casamento (M) e encerrada (F) por um evento qualquer, independentemente do nascimento dos filhos.
- As famílias "MO" não têm fim de observação definido (continuam abertas *ouvert* - "O").
- As famílias "EI" são aquelas cuja observação é iniciada pelo nascimento do primeiro filho no grupo (casamento "exterior" - "E").
- As famílias "EO" (casamento exterior) não têm fim de observação definido.

5. Concepções Pré-nupciais em Algumas Localidades Seleccionadas da Alemanha

Autor	Comuna	Período	Frequência concepções
Houdaille	Borlin (Mecklenburg)	antes 1810	28,5%
		1810-1839	32,0%
Houdaille	Volkshardinghausen (Hesse)	antes 1810	20,8%
		1810-1839	34,2%
Houdaille	Kreuth (Baviera)	antes 1810	2,7%
		1810-1839	28,6%
Knode	Anhausen (Baviera)	1692-1749	14,0%
		1750-1799	17,0%
Borghese	Degerloch (Wuerttemberg)	1800-1849	20,0%
		1800-1809	5,9%
		1810-1819	18,5%
		1820-1829	25,0%
		1830-1839	23,9%
		1840-1849	26,0%
		1850-1859	28,2%
		1860-1869	38,2%
Roller	Durlach (Baden)	1870-1879	27,1%
		1701-1730	6,9%
		1731-1770	5,3%
Meyer	(Uma cidade do Oldenburgo)	1771-1800	16,1%
		1606-1700	21,0%
		1700-1780	23,5%
		1780-1800	11,4%
		1801-1850	18,3%

FONTE: SHORTER, Edward - 1973. Female emancipation, birth control, and fertility in European history. *The American Historical Review*, 78 (3): 605-640, jun



6. MARCUSE, Max. *Kommnächte, Probenächte, Zeitehe. Handwörterbuch der Sexualwissenschaft*. Bonn, 1923, p. 278. Citado por Willems, 1980, p. 305.
7. Na Lapa, por exemplo, verificou-se que estas proporções de concepções pré-nupciais somavam 10,5% do total de casais observados. Ver Valle, 1983, p. 300.
8. A tendência verificada a partir das percentagens apresentadas na Tabela 1 não é evidenciada pelas cifras concernentes às proporções de concepções pré-nupciais obtidas a partir das fichas "MF". É uma contradição importante, pois este Gráfico 1 foi construído com base nos dados obtidos do conjunto das fichas "MF" e "MO"; desta forma, os tais diferenças resultam da diferença do "corte" cronológico realizado para a obtenção dos dois conjuntos de dados (Tabela 1 e Tabela 2), ou as famílias "MO", de modo geral mais instáveis, apresentavam um comportamento sexual distinto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

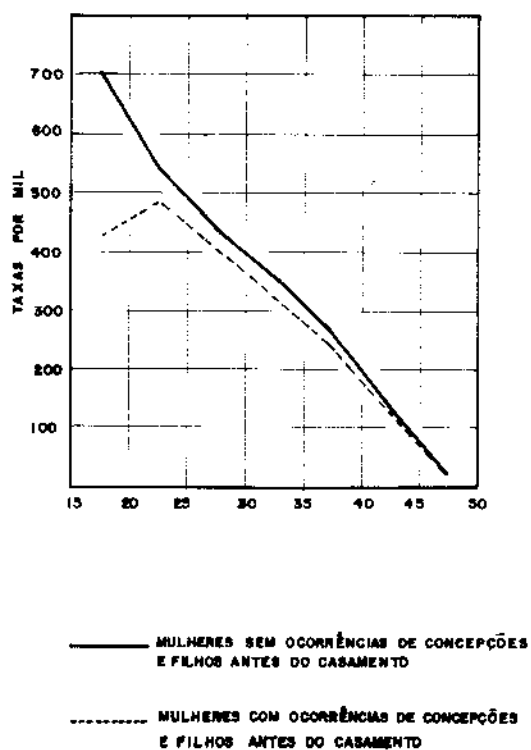
- BIDEAU, A. & NADALIN, S.O. - 1988. Étude de la fécondité d'une communauté luthérienne à Curitiba (Brésil) de 1866 à 1939. *Population* (6). (em fase de publicação)
- BURMESTER, A.M. de O. - 1981. *Population de Curitiba au XVIII^e siècle*. Montreal. 390 p. (Tese de Doutorado)
- FLANDRIN, Jean-Louis - 1976. *Familles: parenté, maison, sexualité dans l'ancienne société*. Paris, Hachette. 287 p.
- FLEURY, M. & HENRY, L. - 1976. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. 2 ed. Paris, INED. 182 p.
- GUILLAUME, P. & POUSSAOU, Jean-Pierre - 1970. *Démographie historique*. Paris, A. Colin. 414 p.
- HENRY, L. - 1972. *Démographie: analyse et modèles*. Paris, Larousse. 338 p.
- IMHOF, A. E. - 1975. "Die namentliche Auswertung der Kirchenbücher. Die Familien von Giessen 1631-1730 und Heuchelheim 1691-1900". In: IMHOF, A. E. (org.). *Historische Demographie als Sozialgeschichte: Giessen und Umgebung vom 17. zum 19. Jahrhundert*. Darmstadt/Marburg, Symon und Wagner KG, v. 1.
- LEBRUN, F. - 1983. *A Vida conjugal no antigo regime*. Lisboa, Rolim. 167 p.
- NADALIN, S. O. - 1978. *Une paroisse d'origine germanique au Brésil: la communauté évangélique luthérienne à Curitiba entre 1866 et 1969*. Paris, E.H.E.S.S. 555 p. (Tese apresentada à E.H.E.S.S. para fins de obtenção do título de Doutor).
- - 1981. *Imigrantes alemães e descendentes em Curitiba: caracterização de um grupo social*. *História. Questões & Debates*, 2 (2): 23-35, jun.

- SHORTER, E. – 1973. Female emancipation, birth control, and fertility in European history. *The American Historical Review*, 78 (3): 605-640, jun.
- – 1977. *Naissance de la famille moderne: XVIII^e – XX^e siècle*. Paris. Seuil. 379 p.
- VALLE, M. S. do – 1983. *Nupcialidade e fecundidade das famílias da Lapa: 1770-1829*. São Paulo. 372 p. (Tese apresentada à Universidade de São Paulo, para fins de obtenção do título de Doutor).
- WACHTEL, N. – 1976. “A Aculturação”. In: LE GOFF, J. & NORA, P – *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- WILLEMS, E. – 1940. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo, Nacional. 343 p.
- – 1980. *A Aculturação dos alemães no Brasil*. 2 ed. São Paulo, Nacional. 465 p.

ABSTRACT – SEXUALITY, MARRIAGE AND REPRODUCTION – From the study of Lutheran families of German descent reconstituted through the Fleury-Henry method, frequencies of premarital conceptions and births were made evident. The analyses considered the division of the group in three cohorts, with observation start defined by the dates (I) 1866-1894, (II) 1920-1939. From one subgroup to the next, a decline in the frequency of births resulting from premarital conceptions was observed. To the hypothesis explaining the reduction in these frequencies as a result of fertility decline, preference was given to emphasize the explanation of changes in the observed behavior which considers the insertion of the group in urban centers, something involving cultural contacts. With that, one does not reject that part of behavior changes could be explained by the increasing use of contraception.

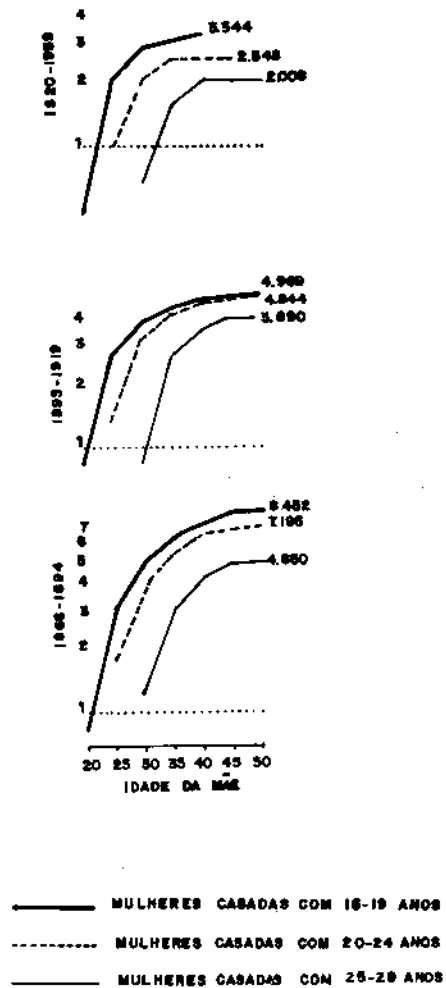
ANEXOS

Fichas MF – Taxas de Fecundidade Corrigidas,
Calculadas Independentemente da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
Casamentos de 1866 a 1894

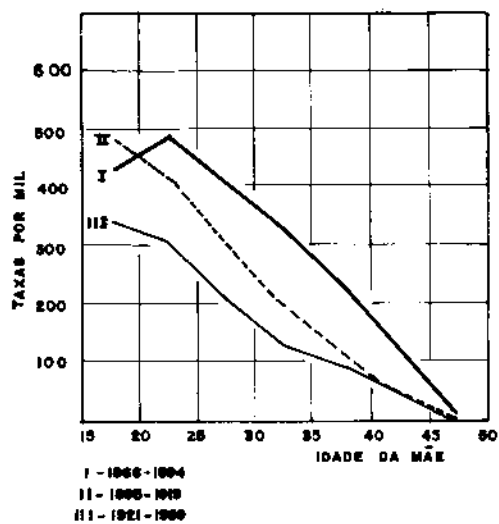




Fichas MF – Descendências em Função da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1939

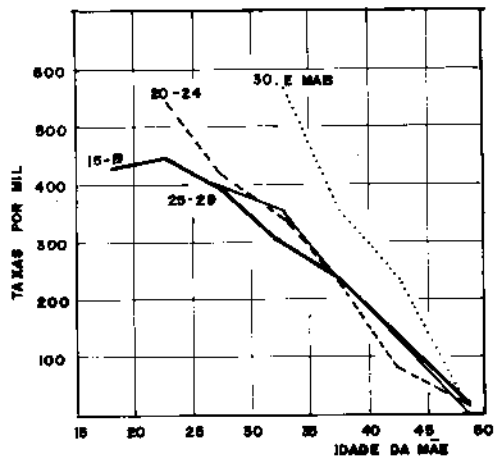


Fichas MF – Fecundidade Legítima Corrigida,
Calculada Independentemente da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1939

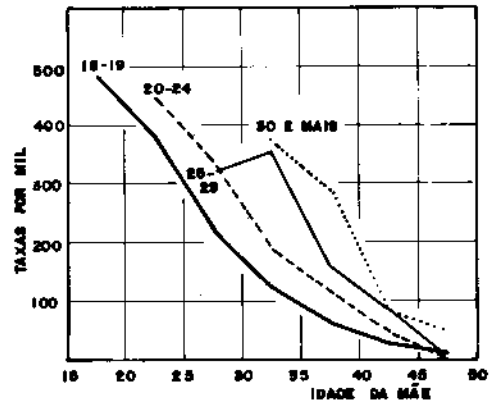




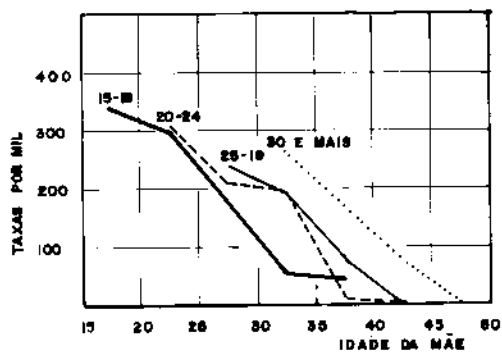
Fichas MF – Fecundidade Legítima,
Corrigida em Função da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1939



I

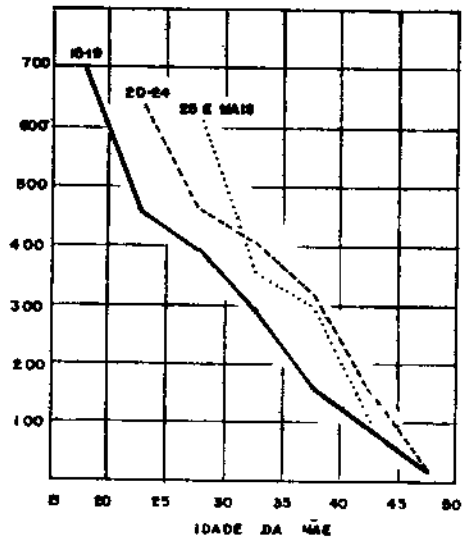


II



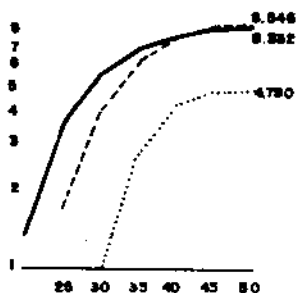
III

Fichas MF – Mulheres com Ocorrências de Concepções e Filhos Anteriores ao Casamento;
Fecundidade Corrigida, em Função da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
Casamentos de 1866 a 1894





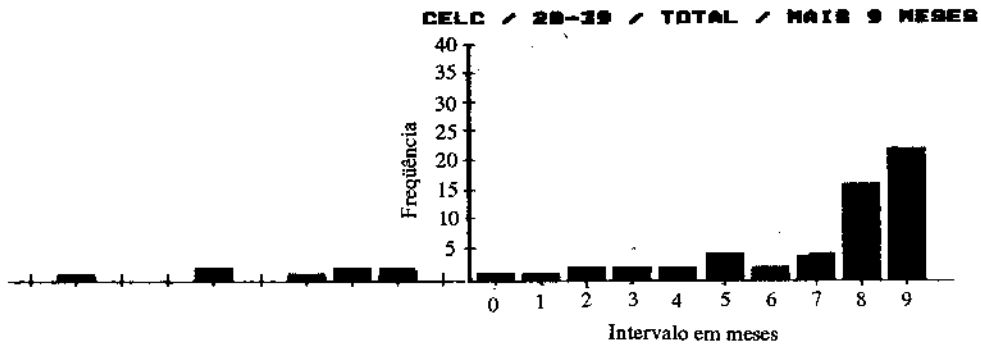
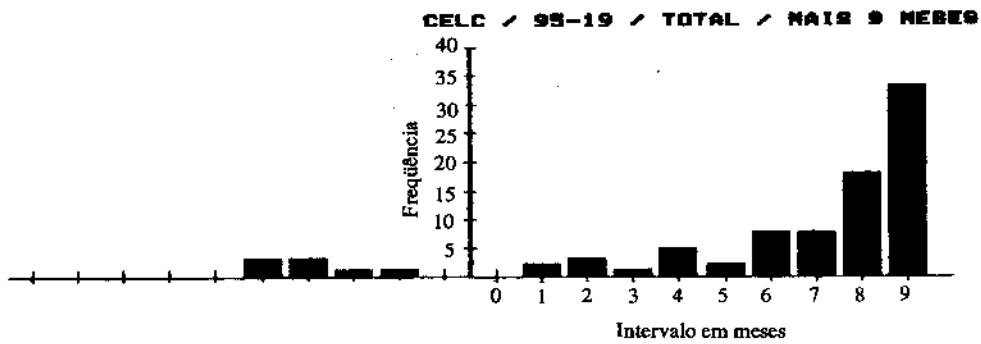
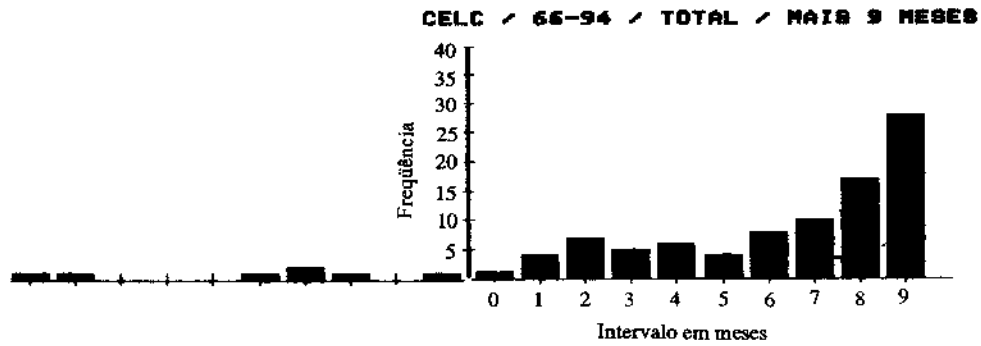
Fichas MF – Mulheres com Ocorrências de Concepções e Filhos Anteriores ao Casamento;
Descendências em Função da Idade da Mulher ao Casar
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1894



———— MULHERES CASADAS COM 15-19 ANOS
----- MULHERES CASADAS COM 20-24 ANOS
..... MULHERES CASADAS COM 25 ANOS OU MAIS

Gráfico

Fichas MF – Intervalos entre o Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho e Vice-Versa, Independentemente da Idade da Mulher ao Casar e do Número de Filhos Nascidos Antes do Casamento, até 9 Meses Antes e Após as Núpcias
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1939





Gráfico

Fichas MF – Intervalos entre o Casamento e o Nascimento do Primeiro Filho e Vice-Versa,
Independente da Idade da Mulher ao Casar e do Número de Filhos Nascidos
Antes do Casamento, até 60 Meses Antes e Após as Núpcias
Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba
1866-1939

